

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
14 e 21 de Setembro de 2021
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

CEUX DU MAQUIS / 1944

Um filme de realizador não identificado

Imagem (35 mm, preto & branco) e narração: não identificados / Música: trechos de Beethoven (5ª Sinfonia).

Produção: Office Français d'Information Cinématographique para a série "La Revue Filmée du Mois, Ici... la France" / Cópia: 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 8 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca: 3 de Outubro de 2009, no âmbito da rubrica "História Permanente do Cinema".

CEUX DU MAQUIS é apresentado com **LES ANGES DU PÉCHÉ**, de Robert Bresson ("folha" distribuída em separado).

Poucos dias depois de se instalar em Londres, em Junho de 1940, na sequência da rendição total da França às forças da Alemanha nazi, com a instalação de um governo fantoche que fingia manter a ordem política, o General de Gaulle lançou na BBC o seu célebre Apelo à resistência. Este foi ouvido por muito pouca gente no dia 18 de Junho de 1940, mas foi o embrião de um longo e tenaz movimento de resistência, cujo objetivo final, que foi atingido, era de que ao fim da guerra a França não fosse tratada como um país inimigo e vencido. Durante quatro anos a rádio foi o principal instrumento da propaganda anti-vichysta e anti-nazi do movimento da France Libre, com emissões intituladas *Des Français Parlent aux Français*, que começavam pelas palavras "*Ici, Londres*". Na França ocupada, ouvir as emissões da BBC era um gesto bastante arriscado mas que um número cada vez maior de pessoas fez entre 1940 e 1944. Além do próprio de Gaulle, mestre incontestável da palavra escrita e oral, diversas outras personalidades se destacavam nos microfones da BBC, a mais célebre das quais era o jornalista Maurice Schumann, a quem de Gaulle confiou a chefia das emissões radiofónicas da France Libre e que interveio ao microfone mais de mil vezes em quatro anos, ao passo que de Gaulle, limitando-se às "grandes ocasiões", falou setenta e sete (todas as alocações tinham de ser previamente aprovadas pelo governo britânico, uma regra que de Gaulle violou mais de uma vez). Numa vasta e recente biografia de de Gaulle, Julian Jackson observa que foi nestes dias de Junho de 1940, "*antes que qualquer resistência organizada tivesse realmente emergido em França, que de Gaulle se impõe como a única voz pública capaz de oferecer uma alternativa ao futuro que era oferecido por Pétain*" (a propaganda vichysta dar-lhe-ia a alcunha de *General Micro*). Paralelamente,

profissionais da publicidade que se tinham refugiado em Londres davam o seu contributo para a confecção de slogans eficazes. Depois da libertação do Magrebe pelas forças americanas em Novembro de 1942, de Gaulle se instalaria em Argel, que simbolicamente era a França, pois não tinha o estatuto de colónia e sim de departamento, que é a unidade administrativa francesa. Ali constituiria um governo provisório em exílio, numa aliança com os comunistas. Regressaria a Londres, chamado por Churchill, às vésperas do D-Day, o desembarque aliado na Normandia que teve lugar a 6 de Junho de 1944.

Por conseguinte, enquanto o regime de Vichy dispunha da rádio, do cinema e da imprensa escrita, a rádio foi o principal e mais eficiente elemento de propaganda do movimento da France Libre, que, no entanto, também produziu alguns curtos filmes de

propaganda. Já em 1940, Georges Rony assinaria **Paroles d'Honneur**, que desmonta as mentiras e falsas promessas de Hitler, ao passo que dois anos depois Alberto Cavalcanti realizaria **Trois Chants Pour la France**, que reúne *Paris*, a *Marselhesa* e o *Chant des Partisans*. Onde terão sido apresentados estes e outros filmes de propaganda política da France Libre, quais e quantos franceses os terão visto à época em que foram feitos? Realizado num período da guerra em que a Alemanha já se encontrava na defensiva, **Ceux du Maquis** é um filme sobre os resistentes clandestinos, os *maquisards* (um *maquis*, explica-nos o dicionário Larrousse, é “*uma formação de arbustos e touceiras resultando da degradação das árvores*” e passou a designar “*o lugar oculto onde se reuniam os resistentes*”, fossem estes gaullistas ou comunistas). À época da sua realização, o filme talvez tenha sido visto pelas populações francesas e autóctones de Marrocos e da Argélia, que desde fins de 1942 estavam livres do jugo pró nazi. Não é impossível que tenha sido mostrado na Grã-Bretanha. Uma diferença importante entre este filme e os de propaganda de Vichy (de que apresentamos três exemplos significativos neste ciclo), embora todos pertençam ao domínio da propaganda política, com tudo o que esta pode ter de simplificador e redutor, é que este filme gaullista não parece tentar convencer o espectador de nada: parece dirigir-se a espectadores já convencidos, que compartilham as opiniões expressas no filme. Documento sobre a resistência armada gaullista, as Forces Françaises de l'Intérieur, o filme tem algo de comovente. O discurso propagandístico nada tem de enfático e sublinha não a homogeneidade buscada por Vichy e sim a variedade, sublinhando que aqueles homens vêm de todas as classes sociais e “*não têm província nem partido*”. Até mesmo o hastear da bandeira, que abre e fecha o filme e poderia ter sido pomposo e ridículo, é comovente. O mastro é modesto e a bandeira é pequena, mas este mastro é um galho cortado naquela floresta de França, na qual simbolicamente se enraíza e se multiplica, o que dá à passagem final do filme o tom de uma breve prece laica. E esta bandeira francesa tem no seu centro a Cruz da Lorena, símbolo dos gaullistas (não a bandeira francesa propriamente dita, conspurcada pelo regime de Vichy), o que faz com que este filme sublinhe menos a importância de um chefe do que a de uma causa.

Antonio Rodrigues